

GLÓRIA DIÓGENES

# CARTOGRAFIAS DA CULTURA E DA VIOLÊNCIA

GANGUES, GALERAS E O  
MOVIMENTO HIP HOP



# SUMÁRIO

|  |     |
|--|-----|
| <b>APRESENTAÇÃO</b> .....  | 13  |
| A névoa branca e o monstro da noite .....                                      | 13  |
| <b>INTRODUÇÃO</b> .....  | 21  |
| Anotações do diário de campo: fragmentos de um objeto<br>de investigação ..... | 21  |
| Retalhos de um objeto “construído” .....                                       | 24  |
| A violência como mapa cultural .....   | 30  |
| <b>CAPÍTULO UM – O TERRITÓRIO E A FESTA:</b>                                   |     |
| <b>ESTÉTICA JUVENIL GLOBALIZADA E OS JOVENS EXCLUÍDOS</b> .....                | 35  |
| A vacância do referente trabalho .....   | 35  |
| Os signatários de uma estética global .....                                    | 38  |
| O trabalho e a rebeldia urbana .....   | 44  |
| O tempo livre é festa .....  | 46  |
| Exclusão e violência: os olhares indiferentes .....                            | 50  |
| <b>CAPÍTULO DOIS – TRAJETÓRIAS DA VIOLÊNCIA E DA REBELDIA:</b>                 |     |
| <b>OBJETO E METODOLOGIA</b> .....  | 55  |
| Como mapear o impreciso? A violência difusa<br>e o nomadismo jovem .....       | 55  |
| Como conhecer o outro? O estranhamento de si .....                             | 58  |
| Como delimitar o desconhecido? O “retardamento<br>da categorização” .....      | 61  |
| Como olhar o diferente? A imagem visual como mapa cultural .....               | 63  |
| Como abordar o diferente? A teoria em atos .....                               | 64  |
| Em frente das gangues .....  | 66  |
| As entrevistas: conversas em grupo .....                                       | 68  |
| <b>CAPÍTULO TRÊS – REFLEXÕES ACERCA DO IMAGINÁRIO</b>                          |     |
| <b>DA VIOLÊNCIA NAS CIÊNCIAS SOCIAIS</b> .....                                 | 71  |
| Por que a reflexão acerca do imaginário das ciências sociais? ...              | 71  |
| As ciências sociais e a violência no mundo moderno .....                       | 72  |
| As matrizes discursivas clássicas e tematizações sobre<br>a violência .....    | 78  |
| Margens reveladoras da violência .....   | 81  |
| Violência e Diferença .....  | 88  |
| <b>CAPÍTULO QUATRO – JUVENTUDE E ESTILO:</b>                                   |     |
| <b>A REBELDIA COMO LEMA, A VIOLÊNCIA COMO MARCA</b> .....                      | 93  |
| A juventude e a era da recusa .....  | 93  |
| A juventude e estilos culturais da sociedade do consumo .....                  | 99  |
| As galeras e gangues: fronteiras tênues .....                                  | 104 |
| A gangue e o olhar do pesquisador .....  | 111 |
| Gangues: a violência é a diferença .....                                       | 114 |
| Entrar na gangue: o emblema da instituição .....                               | 115 |
| Sair da gangue: novos rituais institucionais .....                             | 119 |

|   |     |
|---|-----|
| O Hip Hop diz: "a letra do meu rap é a minha bala" .....  | 121 |
| Da gangue para o Hip Hop: histórias de transição .....  | 123 |
| Estética e imaginário juvenil: as gangues e o Hip Hop .....   | 135 |
| <b>CAPÍTULO CINCO – A TERRITORIALIDADE E AS FRONTEIRAS DA VIOLÊNCIA:</b>                            |     |
| <b>A DINÂMICA DE FORMAÇÃO DAS GANGUES URBANAS</b> .....   | 139 |
| Normalização Social e Repressão em Fortaleza .....  | 139 |
| A cidade dividida; a cidade sitiada .....   | 142 |
| O Mundo de Fora e o Mundo de Dentro: a territorialidade<br>das gangues .....                        | 142 |
| A cidade e as inscrições da pobreza e da riqueza .....  | 145 |
| A rebeldia urbana e a ação juvenil .....  | 149 |
| A cruzetagem: quebra dos pactos territoriais .....  | 151 |
| Gangues e Hip Hop: a rua como território privado,<br>a rua como posse coletiva .....                | 153 |
| <b>CAPÍTULO SEIS – GRUPOS IDENTITÁRIOS E FRAGMENTAÇÃO SOCIAL:</b>                                   |     |
| <b>A VIOLÊNCIA COMO MARCA</b> .....   | 161 |
| Grupos identitários e fragmentação social: quando ser<br>violento, ser rebelde, faz diferença ..... | 161 |
| As gangues e delinquência: limites entre a exclusão<br>e a violência .....                          | 163 |
| O mundo oficial e o mundo subterrâneo: a luta pela<br>classificação" .....                          | 165 |
| Solidariedade e Identidade: a dimensão local como referência.                                       | 169 |
| Identidade e a autonomia .....  | 176 |
| <b>CAPÍTULO SETE – INSCRIÇÕES SOBRE O CORPO:</b>  |     |
| <b>VIOLÊNCIA E MITOLOGIA</b> .....  | 181 |
| As cidades modernas e a dimensão do olhar .....   | 181 |
| Comunicação Visual: o corpo como texto .....  | 185 |
| Superexposição: refluxo dos símbolos? .....   | 187 |
| Identidade: o corpo como sinal .....  | 188 |
| Tatuagens: a escrita visual .....   | 191 |
| De que falam as tatuagens? .....  | 193 |
| Mitologia no corpo: tatuagem e sincretismo .....  | 196 |
| <b>CAPÍTULO OITO – GANGUES E POLÍCIA: CAMPOS COMUNS DE</b>  |     |
| <b>ENFRENTAMENTO, ESTRATÉGIAS DE DIFERENCIAÇÃO</b> .....  | 199 |
| Os corpos dos iniciados e os investimentos da violência:  |     |
| São Jorge e o Dragão .....  | 199 |
| Eles são uma gangue .....   | 205 |
| Polícia e gangues: a crise das diferenças .....   | 206 |
| Gíria: linguagem secreta, demarcação das diferenças .....   | 214 |
| A polícia, os delinquentes juvenis e a justiça .....  | 217 |
| <b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....   | 225 |
| Acontece Tudo ao Mesmo Tempo Agora .....  | 225 |
| <b>ANEXO – Relação das gangues de Fortaleza identificadas</b>                                       |     |
| durante a pesquisa .....  | 233 |
| <b>GLOSSÁRIO</b> .....  | 237 |
| <b>BIBLIOGRAFIA</b> .....   | 241 |